

# Os sons que se amam

**P**ara ele, a composição revelou-se «como um jogo». Era ainda criança. Ao piano juntou os primeiros sons, até ao dia em que descobriu as lógicas da harmonia. Mas essa é a música do passado. Hoje, entre as certezas dos vinte e cinco anos e a incerteza procura de si mesmo, sabe que o futuro da música é um «universo em expansão». Paris, onde vive há três anos, é escola maior dos novos compositores. Emmanuel Nunes, o mestre que melhor se ajusta à sua ambição. Ele é Pedro Amaral, e ao «JL» falou deste ofício que é o seu.

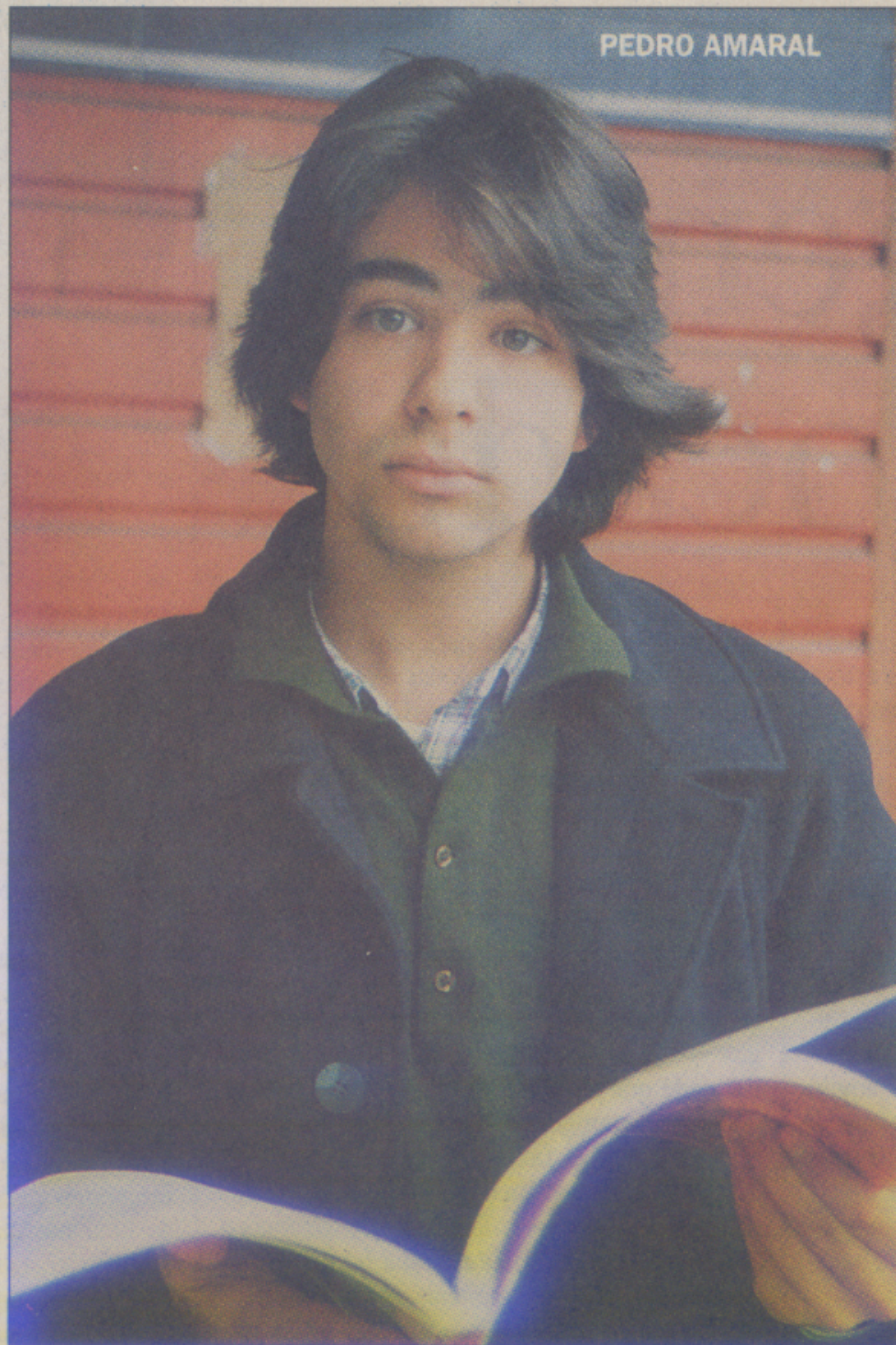
«É uma profissão como a de arquitecto, engenheiro ou jornalista. Neste momento vivo do meu trabalho e, nessa medida, sinto-me compositor.» Não teme a escolha solitária: «Essencialmente estás sozinho, como estarás sempre.» O importante é chegar lá, ao lugar onde se encontram o músico, a estética, o homem e a ciência. Apreendeu-o em compassos vários e, sobretudo, ao lado de Emmanuel Nunes no Conservatório de Paris. «O que ele faz é colocar-te frente à tua obra como um espelho. É quase freudiano. É muito difícil, muito doloroso.» As suas aulas, acrescenta, «são muito mais ao nível filosófico do que musical».

A outras vivências reserva o silêncio dos verdes anos. A aprendizagem da música, dirá Pedro Amaral, faz-se no «procurar os sons que se amam». Assim começou, pelo «desejo de juntar sons, segundo uma ordem qualquer que para ti é bela». Lembra os primeiros jogos, espaço lúdico da infância em mutação de saberes. O piano foi apenas um pretexto. Ninguém mais, naquela casa, fazia uso das teclas. Da música não se pressente o hábito. Sonharam-lhe outro destino. Sem dizer nada a ninguém,

partiu do colégio militar «porque queria estudar música e aquele não era o lugar indicado para o fazer». Liberto das fardas, prendeu-o a certeza da vocação.

Fernando Lopes-Graça e a Academia dos Amadores de Música deram-lhe as bases. Por volta dos quinze anos, cruza-se com Emmanuel Nunes nos seminários orientados pelo compositor na Fundação Gulbenkian, aquela que hoje lhe permite estudar em Paris. Pouco sabia, na altura, da «profundidade e complexidade que ele nos transmite». Era mais forte a intuição. De resto, ficou a vontade de ir trabalhar com Emmanuel. «Um dia, mostrei-lhe uma peça que estava a compor sobre um poema do Pessoa» — conta — «Ele terá achado que eu tinha algo de importante a aprender e deu-me o privilégio dos seus conselhos.» Não bastavam os encontros de Lisboa. De novo, era preciso partir.

À lonjura de Lisboa regressa sempre. Ao País não pensa voltar tão cedo, apesar da «fascinante aventura que está a viver a Escola Superior de Música» e das «coisas extraordinárias» que aqui o ligam. Se a ideia de uma escola nacional é ainda um projecto longínquo, nada lhe dizem, por outro lado, as ressonâncias de tão apregoado patriotismo. Seria bom «ajudar a construir alguma coisa» — diz Pedro Amaral — «Mas neste



PEDRO AMARAL

FOTO DE FERNANDO NEGREIRA

momento estou mais preocupado em aprender o mais possível e consolidar a minha formação de músico».

Concluído o curso na Escola Superior de Música, ganhou bagagem para as mais avançadas pesquisas na área da criação. Antes disso, no Instituto Gregoriano de Lisboa e em particular, Christopher Bochmann deu-lhe as primeiras luzes. Com ele, descobriu a «lúcida» visão da contemporaneidade: «Aquilo que pude aprender com ele tem a ver com as técnicas do século XX e com a profunda análise que ele consegue fazer de obras-chave do nosso tempo, como as de Boulez.» Por cá ficou Bochmann, e um desejo de escola. Não acredita, apesar da referência deste «pedagogo extraordinário», na existência de um sistema de ensino aplicado à música contemporânea. Para Pedro Amaral, faz sentido a «confluência de ideias entre uma série de pessoas que desenvolvem uma determinada estética». Contra esta «energia comum», a escola imaginada é hoje habitada pelo revivalismo: «O que existe é um grupo de pessoas que está a fazer uma música completamente revivalista, tonal e modal. Podem ser excelentes músicos que eu admiro, mas a música que fazem não me interessa.»

Panorama de excepção, é para o jovem compositor o número reduzido de músicos que «traba- ▶